

Otrevo

Difusão do Espiritismo Religioso - Órgão da Aliança Espírita Evangélica - Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO XIV

São Paulo, Setembro de 1988

N.º 175

Conhecer e Sentir

Valentim Lorenzetti

Conhecimento e sentimento são duas virtudes-meio da grande virtude do Amor.

O conhecimento é a estrutura onde o sentimento apóia-se. Um, sem o outro, é como cabo sem eletricidade, rio fora do leito, trilho sem locomotiva, fogo sem controle.

O sentimento dignifica o conhecimento. O conhecimento torna o sentimento mais produtivo. Sem conhecimento, o sentimento pode transformar-se em pieguismo; sem sentimento, o conhecimento transforma-se em algoz do ser humano.

o conhecimento espírita abre a porta para a reforma social, a partir da reforma do sentimento do próprio espírita. Quem fica apenas no conhecimento doutrinário, sem mobilizar o seu íntimo para a renovação dos próprios sentimentos, é somente intelectual. Quem conhece e modifica-se, é renovador.

Intelecto desenvolvido e sentimento renovado são as qualidades essenciais do homem do futuro. A Escola de Aprendizes do Evangelho é um dos caminhos do homem para aproximar esse futuro do presente.

A Aliança em Belo Horizonte

A Fraternidade Espírita Nossa Lar, de Belo Horizonte, apresenta-nos relato de 9 meses de atividades:

- A realização em maio de 88, do I Curso de Evangelização Infantil, com cerca de 8 horas de carga horária, e 8 alunos da 1.ª turma da EAE aprovados. Hoje temos 5 evangelizadores trabalhando.
- A realização de 11.06.88 a 16.07.88, do I Grupo de Oratória, com 13,5 horas de carga horária, com 15 alunos, dos quais 5 já aprovados, e os outros 10 programados para se submeterem a aulas-teste.
- A realização dos I e II Cursos de Passes, bem como de Cursos visando formação e aperfeiçoamento em Recepção, Encaminhamento e Entrevista, tudo no 1.º semestre de 1988 (além do I Curso de Dirigentes de EAE).
- A implantação, a partir de 28.06.88, do trabalho de P3A, às terças-feiras, 20 horas. A partir de 26.07.88 passa também a ser feito o Trabalho de Tratamento à Distância, que era feito às quintas-feiras.
- O início da 1.ª Turma de Mocidade Espírita no dia 23.07.88 (aula inaugural, proferida pelo Sr. Oldemar), sábado, 16 horas, com a presença de 10 alunos de 14 a 19 anos, e mais o dirigente da turma: Fernando, 19 anos, aluno da 1.ª turma de

EAE, e também a participação de Silas Jr., 22 anos, aluno da 1.ª EAE e Diretor de Infância e Mocidade.

- A fixação da data de 16.09.88, sexta-feira, 20 horas, para o início do Curso Básico, referente à 2.ª turma de EAE, sob a direção do Sr. Hércio (aprovado no nosso I Curso de dirigente de EAE).
- O início de reuniões de reciclagens, em 05.08.88, sábado, às 16h 45 min.
- O desligamento, a partir de 26.07.88, do Presidente Oldemar de Souza Fernandes e da Diretora Administrativa Marina Romero Fernandes, por motivo de mudança para Salvador. Assumem provisoriamente as funções de Presidente, o Sr. Hércio Lobo de Faria e de Diretora Administrativa, a Sra. Elizabeth Lobo de Faria, acumulando com as suas atuais funções na Diretoria, enquanto não alteram os estatutos.
- h.1) Assume a direção da 1.ª turma de EAE, a Sra. Elizabeth Lobo de Faria (aprovada no nosso I Curso de Dirigente da EAE) que secretaria a turma desde o início.
- i) Ficam 18 trabalhadores, dos quais 14 trabalham com passes.
- j) A casa tem cerca de 35 assistidos adultos e 20 crianças. A 1.ª turma de EAE tem 17 alunos freqüentando regularmente.
- k) Os horários de trabalho são:
 - 2.ª-feira, 20h15: Assistência Espiritual Adultos (CH, P1 e P2)
 - 3.ª-feira, 20h15: Assistência Espiritual Adultos (P3A, Tratamento à Distância); posteriormente deverá haver também CH, P1 e P2.
 - 5.ª-feira, 19h45: Vibrações
 - 5.ª-feira, 20h15: Consultas Mediúnicas/Intercâmbio.
 - 6.ª-feira, 20 hs: 2.ª Turma de EAE (início 16.9.88).
 - Sábado, 9h15: Assistência Espiritual Infantil
 - Sábado, 11 hs: Evangelização Infantil
 - Sábado, 11 hs: (quinzenal): Reunião da Diretoria.
 - Sábado, 16 hs: 1.ª Turma de Mocidade.
 - Sábado, 18 hs: 2.ª Turma de EAE.
- l) Os bazares são feitos a cada mês e meio em média, aos domingos, com início às 15 horas.

RECICLAGEM



O CEAE-Genebra vem adotando reuniões mensais de reciclagem de todos os trabalhadores. Essas reuniões são realizadas todo terceiro domingo do mês, das 9 às 11h30, quase que integralmente dedicadas à reflexão de te-

mas que contribuam para o trabalho de reforma íntima. Na foto, um dos 10 grupos em que são divididos os trabalhadores, na reunião de julho, quando foi debatido o tema: "Maledicência".

GS EMMANUEL

Foi eleita a nova Diretoria do Grupo Socorrista Emmanuel, de Peruíbe, para o biênio 88/89, que ficou assim constituída:

Presidente: Honório Lara Lima; Vice-Presidente: Yvone Juvêncio de Almeida; Tesoureira: Lúcia Tancredo Bochicchio; Diretora de Estudos: Maria Aparecida dos Santos; Diretora de Assistência Social: Gilda Piccolo C. da Silva; Secretária: Maria Teresa Bochicchio.

REGIONAL DE ARARAQUARA

No dia 28 de agosto realizou-se no CE Redenção, em Araraquara, o encontro regional de dirigentes, que reuniu 30 companheiros dos grupos de Araraquara, Ribeirão Preto e Piracicaba.

O encontro propiciou uma ampla troca de idéias para melhor fixação dos objetivos do Programa da Aliança. A importância da disciplina em todos os trabalhos foi bastante enfatizada.

Houve também troca de idéias para melhor integração, no grupo, dos alunos das Escolas de Aprendizes, ressaltando-se o cuidado de não se transformar essa Escola num núcleo apenas de estudo acadêmico.

Os companheiros de Ribeirão Preto expuseram os resultados de dois anos de funcionamento do **Diskardec** — um plantão telefônico para esclarecimentos à luz da Doutrina Espírita.

USE TEM NOVA DIRETORIA

O Conselho Deliberativo Estadual (CDE) da USE, durante a realização da XXI Assembléia Geral Ordinária em 10 de julho, elegeu a nova Diretoria Executiva da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, para o biênio 1988/1990 que ficou assim constituída:

Presidente: Nedyr Mendes da Rocha; 1.º Vice-Presidente: Marília de Castro; 2.º Vice-Presidente: Antonio Cesar Perri de Carvalho; Secretário Geral: Carlos Teixeira Ramos; 1.º Secretário: Joaquim Soares; 2.º Secretário: André Luiz Galembeck; 3.º Secretário: Ariovaldo Albano; 1.º Tesoureiro: Waldemar Fabris; 2.º Tesoureiro: Silvío Dias dos Santos; Diretor de Patrimônio: Carlos Cirne.

No mês de abril já haviam sido renovadas as Comissões Executivas das Uniãos Distritais, Municipais e Intermunicipais Espíritas. No mês de maio foi a vez dos Conselhos Regionais Espíritas renovarem as respectivas Comissões.

Amarga Experiência

Na noite de 24 de junho de 1954, tivemos a agradável e comovente surpresa da visita de um companheiro que, tempos atrás, fôra assistido pelos Instrutores Espirituais, por intermédio de nosso grupo.

Lembramo-nos de que, em seu primeiro contato conosco, trazia a mente obcecada por visões de ouro.

Regressando às nossas tarefas, na noite mencionada, deixou-nos a sua "amarga experiência", que constitui, em verdade, uma grande lição para nós todos. Através dela, podemos observar como as idéias inferiores, com o tempo, se cristalizam em nossa alma, impondo-nos aflição fixação mental, decorrente de nossas próprias criações íntimas.

O irmão F., nome pelo qual passaremos a designar o companheiro, cuja mensagem vamos transcrever, foi na Terra grande banqueiro. Certamente não foi um criminoso, na acepção comum do termo, mas, pelo conteúdo espiritual de suas manifestações, parece haver sido um desses homens "nem frios, nem quentes", do símbolo evangélico, que, trazendo a mente amornada na idéia do ouro, durante a existência na carne, ficou por ela dominado em seus primeiros tempos, além da morte.

Senhores!

Perdoai-me o tratamento, entretanto, não me sinto ainda à altura de chamar-vos "amigos" ou "irmãos".

Sou apenas um mendigo de retorno ao vosso templo de caridade, a fim de agradecer, ou simplesmente um homem desencarnado, em tremenda guerra consigo mesmo, para não arrojarse ao abismo da loucura, porquanto a loucura, quase sempre, resulta de nossa inconformação ante a realidade das situações e das coisas.

Com aprovação de vossos orientadores, venho trazer-vos o meu reconhecimento e algo de minha amarga experiência, como aviso de um naufrago aos viajantes do mundo.

Quantas vezes afirmei que o dinheiro era a solução da felicidade!...

Quanto tempo despendi, acreditando que a dominação financeira fôsse o triunfo real na Terra!...

No entanto, a morte me assaltou em plena vida, assim como o tiro do caçador surpreende o pássaro desprevenido no mato inulto...

Como foi o meu desligamento do corpo físico e quantos dias dormi na sombra, por agora, nada sei dizer.

Sei hoje apenas que acordei no espaço estreito do sepulcro, com o pavor de um homem que se visse repentinamente enjaulado.

Sufocava-me a treva espessa.

Horrível dispneia agitava-me todo.

Quería o ar puro...

Respirar... respirar...

E gritei por socorro.

Meus brados, contudo, se perdiam sem eco.

Ao cabo de alguns instantes, notei que duas mãos vigorosas me soer-

gueram e vi-me, depois de estranha sensação, na paz do campo, sorvendo o ar fresco da noite.

Que lugar era aquele?

Uma casa sem teto?

De repente, a cambalear, reconheci-me rodeado de grandes caixas fortes...

Ao frouxo clarão da Lua, reparei que essas caixas fortes surgiam milagrosamente douradas...

Tateei-as com dificuldade, percebi palavras em alto relevo e verifiquei que eram túmulos...

Espavorido, transpus apressado as grades daquela inesperada prisão.

Vi-me, semilouco, na via pública.

Devia ser noite alta.

Na rua, quase ninguém...

Um bonde retardado apareceu.

Achava-me doente, inquieto e exausto, mas ainda encontrei forças para clamar:

— Conductor!... conductor!...

O homem, porém, não me ouviu.

Caminhei mais depressa.

Tomei o veículo em movimento e consegui a situação do pingente anônimo; todavia, com espanto, observei que o bonde era todo talhado em ouro...

As pessoas que o lotavam vestiam-se de ouro puro.

O motorneiro envergava uniforme metálico.

Intrigado, sentia medo de mim mesmo.

E, para distrair-me, tentei estabelecer uma conversação com vizinhos.

Os circunstantes, porém, pareciam surdos.

Ninguém me ouvia.

Vencendo embaraços indefiníveis, alcancei minha residência.

As portas, no entanto, jaziam cerradas.

Esmurrei, chamei, supliquei...

Mas tudo era silêncio e quietação.

E quando fitei o frontispício do prédio, o ouro me cercava por todos os lados.

Acomodei-me no chão de ouro e tentei conciliar, debalde, o sono, até que, manhazinha, a porta semi-aberta permitiu-me a entrada franca.

Tudo, porém, alterara-se em minha ausência.

Ninguém me reconheceu.

Fatigado, avancei para meu leito...

Mas o velho móvel apresentava-se-me agora em ouro maciço.

Senti sede e procurei a água simples, entretanto, o líquido que jorrava era ouro, ouro puro...

Faminto, busquei nosso antigo depósito de pão.

O pão, todavia, transformara-se.

Era precioso bloco de ouro, de cuja existência, até então, não tinha qualquer conhecimento em nossa casa.

Meditei... meditei...

Todos os meus afeiçoados como que conspiravam contra mim...

Não passava de intruso em minha própria moradia.

Dia terrível aquele em que reasumia ou tentava reasumir o meu contato com os seres amados que, naturalmente, me deviam assistência e carinho!...

Depois de vastas reflexões julguei-me dementado.

Assinalei, dentro de mim, a necessidade do amparo religioso.

Iniciei dolorido exame de consciência.

Seria eu católico?

Em verdade, se eu me houvesse consagrado à religião, não teria outra escola de fé.

Colaborara no erguimento de instituições pias.

Conhecia pessoalmente o Senhor Arcebispo.

Convivera com sacerdotes.

Freqüentava, de quando em quando, as igrejas, por imperativos da vida social.

Conhecia as obrigações do culto exterior.

Ai de mim... porque não obtinha o repouso necessário?

Passou o dia e veio a noite.

Alta madrugada, tornei à via pública e nela perambulei, vacilante, procurando, através dos templos, alguma porta que se me descerrasse, acolhedora.

As igrejas, no entanto, estavam repletas.

Movimento enorme.

Mais tarde, vim a saber que outros desencarnados como eu imploravam socorro...

Vagueei... vagueei... até que atinxi um santuário de bairro humilde.

Amanhecia...

Vários grupos de crentes chegavam para a missa.

Gente simples, gente pobre.

Entreí.

Conturbado e aflito, senti necessidade da confissão.

Afinal, eu era um católico que relaxara a própria fé.

Sem que ninguém me escutasse os apelos, pedi a presença de um padre.

Avancei para o confessionário e pus-me de joelhos, mas, em poucos momentos, o confessionário convertia-se para mim num guichê de banco.

Sobressaltado, ergui meus olhos para o altar.

O altar, porém, transformara-se em cofre forte.

Intentei consolar-me com a visão do missal, mas o livro do culto, de repente, surgiu metamorfoseado num velho livro de minha propriedade, em que eu lançava, às ocultas, as minhas notas de rendimento real.

Diligenciei isolar-me.

Temia a loucura completa.

Ainda assim, levantei meu olhar para a imagem da Virgem Maria.

Naturalmente, ela teria pena de mim, contudo, ante a minha atenção, a

imagem reduziu-se a uma jóia de alto preço...

Fêz-se toda de ouro, de ouro puro...

Voltei-me para dentro de mim.

Busquei orar, orar, orar... sem poder.

A missa começara e tive a esperança de que o momento reservado à Comunhão Eucarística seria aquele da visitação do Santíssimo Sacramento.

O Santíssimo purificaria o lugar em que eu, pecador, me encontrava...

Todavia, quando alcei meus olhos para o sacerdote, que empunhava, então, o cálice sagrado, notei que as hóstias eram moedas tilintantes.

Hórrorizado, tentei re confortar-me com a visão da cruz...

Procurei-a, acima do altar que se havia erigido em cofre forte, mas a cruz transformou-se também num grande cifrão...

Ó Deus! que restava, então, de mim, senão o usuário vencido?!...

Apavorado, tornei à rua.

Sentia agora mais sede, muita sede...

Voltei-me para o corpo da igreja, como um filho expulso do próprio lar, contudo, não mais a vi.

Apenas, estranha voz no alto gritou aos meus ouvidos, ensurdecadoramente:

— Amigo, os filhos de Deus encontram nas casas de Deus aquilo que procuram... Procuravas o ouro... Ouro encontraste...

Qual mendigo desamparado, fugi sem destino.

Querida agora apenas água, água pura que me dessedentasse.

Conhecia a cidade.

Demandei uma caixa d'água que me era familiar no alto do bairro de Santo Antônio (!)

A água, ali, corria em jorros.

Podia debruçar-me...

Podia beber como se eu fôra um animal e, prostrado, não mais de joelhos, mas de rastros, implorava a graça de Deus.

Achei a água corrente, a água límpida visitada pela luz do sol e estirei-me no chão...

Mas no momento preciso em que meus lábios sequiosos tocaram o líquido puro, apenas o ouro, o ouro apareceu...

Reconheci haver descido à condição de um alienado mental.

Lembrei-me, então, de velho amigo... Cícero Pereira... (!).

Cícero era espírita e, por esse motivo, tornou-se para mim alguém que eu supunha, em minha triste cegueira, haver deixado na retaguarda da loucura.

(1) Refere-se o comunicante a um dos bairros da cidade de Belo Horizonte.

(1) Reporta-se a Cícero Pereira, batalhador da Causa Espírita, em Minas Gerais. — Nota do organizador.

Bastou a recordação para que a voz dele me fizesse ouvida.

Acudia-me ao chamado.

Amparou-me.

Conversou comigo.

Depois de algumas horas de esclarecimento, que eu não pude aquilatar com segurança, trouxe-me para junto de vós.

Sobre a mesa que vos serve, depararam-se-me folhas impressas que me pareceram cédulas valiosas.

Esforcei-me por fixar o Evangelho que compulsáveis no estudo, mas, contemplando o Livro Divino, nele identifiquei apenas um livro de cheques...

Não obstante atordoado, registei-vos a palavra consoladora.

Fui socorrido.

De imediato, quase nada pude reter de vossos apelos e ensinamentos.

Contudo, depois de alguns dias, o benefício das exortações recebidas renovou-me o íntimo e, de amigos espirituais que presentemente me ajudam a recuperação, aceitei a incumbência de lidar com os associados de meu pretérito, velhos conhecidos e amigos que manejam o dinheiro do mundo, para, através deles, algo realizar que me possa refazer a esperança...

Desde então, tenho falado em espírito, com mais de mil pessoas, com mais de mil depositantes de ouro e preciosidades, suplicando atenção para a caridade...

Entretanto, qual aconteceu com as sentinelas da vida espiritual que me buscavam noutro tempo, tenho visto apenas ouvidos de mármore, cabeças de pedra e corações de gelo...

Somente agora, nesta semana, atinxi um grande resultado.

Aproximei-me, com êxito, de um homem que guardava algumas economias.

Pude abeirar-me dele e dar-lhe um pensamento: — "Oferecer um cobertor a uma viúva pobre".

Ele acatou a sugestão.

Comprou o cobertor e, em minha companhia, ele mesmo entregou essa esmola de agasalho a quem tinha frio!

Então, pela primeira vez, depois da morte, uma nova alegria brotou de minh'alma!

Tenho hoje a ventura de crer que as visões do ouro terrestre ficarão para trás... Doravante, espalharei, de coração erguido a Jesus, o ouro do trabalho, o ouro do pão, o ouro da água, o ouro da prece...

Ó Senhor, que esses fios de algodão, dados de boa vontade, me envolvam também agora!

Sejam eles o primeiro sinal de minha definitiva renovação, a luz da prece de reconhecimento que venho, feliz, partilhar convosco!

Senhores, muito obrigado!

Que Deus vos recompense!

F.

(Mensagem recebida pelo Grupo Irmão Faria da Casa Transitória da FEESP).

MOCIDADE ESPAÇO DA ADE

ESPÍRITAS! FAZ 184...

Muitos espíritas esquecem-se que quando chegamos nos primeiros dias de outubro, deveríamos comemorar uma data importante para a história do Espiritismo.

Voltemos um pouco ao passado e observemos a cidade de Lyon (França), onde, no dia 3 de outubro de 1804, nascia aquele que viria a ser o codificador do Espiritismo, o portador do "Consolador Prometido", Hyppolite Léon Denizard Rivail.

Faz 184 anos que o codificador de nossa Doutrina, que assinava seus livros espíritas com o pseudônimo de Allan Kardec, nasceu. Como espíritas, deveríamos ao menos lembrar, nesta data, este homem, que trabalhou grande parte de sua vida para que nós, hoje, pudéssemos conhecer e nos

aprofundar nesta belíssima Doutrina. Foram anos de pesquisa, estudos e viagens para poder fixar o Espiritismo no coração de muitas pessoas, que o passaram à frente, até os dias de hoje.

Publicou seu primeiro livro espírita, "O Livro dos Espíritos", após 15 meses de pesquisas, em 1857. Depois disso, escreveu vários outros livros que nos trazem informações detalhadas sobre a Doutrina Espírita.

Deve, então, fazer parte do calendário de todo espírita esta data; se não for possível uma grande comemoração, merece, ao menos, uma lembrança a quem dedicou dias e noites de sua vida, pesquisando, escrevendo ou viajando para elaborar e divulgar aquele ideal, que hoje é a grande base de nossas vidas.

EXPOSITORES

Para renovar e ampliar o quadro de expositores de mocidades, a CAM (Comissão de Apoio às Mocidades da Aliança) realizará, em outubro, os Cursos de Expositores de Mocidades.

Serão cursos de um dia apenas, para passarmos aos interessados as "dicas" para podermos cada vez mais aperfeiçoar o método de ensino nas mocidades.

Os cursos serão ministrados em São Vicente (litoral de São Paulo), São Paulo (capital), e Piracicaba (interior de São Paulo), cada um em um dia diferente.

"INTERIORZÃO"

No dia 10 de julho, tivemos em Araraquara mais uma reunião de dirigentes do movimento das mocidades da Aliança no interior paulista.

Estiveram presentes na reunião, representantes das mocidades de Piracicaba, Ribeirão Preto e a própria Mocidade Espírita Redenção, de Araraquara.

Durante o encontro, foram abordados vários assuntos referentes à divulgação, e participação do jovem no meio espírita; mas, o que mais ficou em pauta foi a realização do 4.º INTERIORZÃO (ENCONTRO REGIONAL DE MOCIDADES DO INTERIOR PAULISTA).

Ao final da reunião ficou decidido que o encontro se realizará no dia 25 de setembro na cidade de Araraquara.

MOCIDADE DO MÊS

O CEME (Centro Espírita Mansão da Esperança) grupo integrado à Aliança, situado na zona oeste de São Paulo, tem, como a maioria dos centros da Aliança, uma turma de mocidades.

A turma estava, no dia 7 de agosto, na aula 36 do programa de mocidades da Aliança. Com uma média de 13 alunos, pretende-se inciar uma nova turma ainda no fim deste ano. O principal trabalho efetuado pelos participantes da mocidade é a Evangelização Infantil no próprio centro.

Neste local, no dia 7 de agosto, foi realizada a reunião mensal da CAM (Comissão de Apoio às Mocidades da Aliança). Nesta reunião foram abordados temas sobre a turma anfiteia, sobre os Encontros Regionais, e também sobre o Curso de Liderança, (que ocorrerão em setembro e outubro respectivamente). Analisou-se o Curso de Dirigentes de Mocidades que foi ministrado pela CAM no dia 24 de julho.

A reunião da CAM de setembro foi realizada no dia 4 no Centro Espírita Apóstolo Mateus, às 15 horas.

O MAL DE ÓDIO

A medida em que a civilização evoluiu e se aproxima das grandes transformações que já estão ocorrendo, notamos no meio de tantas injustiças e violência algumas "descobertas" e mesmo considerações de verdades, antes ridicularizadas pelos materialistas e que hoje nos renovam as esperanças.

Muitas dessas descobertas vêm sendo desenvolvidas no campo da psiquiatria, como por exemplo a conscientização de alguns médicos sobre a importância de uma reforma interior, dando assim menos valor a essa estranha cultura que atualmente abrange em larga escala a sociedade moderna que gira em torno do dinheiro, do sexo e do êxito individual.

Em uma revista de parapsicologia (a parapsicologia, embora seja uma ciência materialista, pode significar os primeiros passos do confronto irremediável com a verdade) notei um artigo sobre medicina, com algumas considerações sobre o ódio.

Dentro dos meios espíritas não é necessário dispensar muitos esforços para falar sobre o assunto, pois, sabemos que a sua extinção é a essência do aperfeiçoamento espiritual, mas, e dentro da medicina psíquica? O que acham alguns médicos?

Saúde é harmonia psíquica que vem de um sentimento interior de serenidade e ao mesmo tempo de alegria e felicidade que provêm de um eterno trabalho de auto-aperfeiçoamento (reforma íntima); saúde é também harmonia do campo energético e celular sem bloqueios, sem desequilíbrio, tudo pulsando rítmica e harmoniosamente. Sabendo disso, deduzimos então, que o ódio ainda tão predominante em nossos corações, não passa de uma doença; doença essa talvez tão prejudicial quanto o câncer pela maneira de afetar não somente o organismo material, mas também o corpo espiritual. A pessoa que odeia tem a fisionomia contraída, seu fígado e estômago tem um mau funcionamento e depois de algum tempo, dependendo da intensidade desse sentimento, presenciemos o aniquilamento e esgotamento nervoso desse indivíduo sendo preciso assim, para que haja o retorno ao estado normal, um esforço gigantesco para banir a causa de tudo, o ÓDIO.

Josiberte Flávio Monteiro
Mocidade Espírita Redenção,
Araraquara

MENSAGEM

Entramos por coincidência ou por necessidade no campo de batalha contra o mal. A frente surgem os abrigos de caminhos, mocidade e caravaneiros que poderíamos chamar de grupos de infantaria.

Logo em seguida, o grupo de ataque que são os passistas e entrevistadores. Esse grupo recolhe os caídos e doentes que, levados ao tratamento com muito amor e carinho, são recuperados.

Já estão à espera desses irmãos a tropa de choque para que, de uma vez, o mal seja vencido. São as Escolas que tanto nos esclarecem e nos dão condições para também cerrar as fileiras contra o mal, incorporados a esse grupo de guerreiros, seguem para continuar a luta bendita.

No caminho ficam muitos companheiros ou para a natural necessida-

de de despojar as vestes já surradas ou mesmo chamados para atuar em outro campo.

O mais triste são aqueles irmãos que entram em caminhos tortuosos ou em encruzilhadas.

Mais adiante vamos esperá-los de braços abertos pois, estarão desajustados e sofridos; trazendo-os ao nosso regaço de amor, recuperando-os ao fazer que entendam a necessidade da luta e da caminhada.

A frente do grupo tremula no alto como alerta, a bandeira de Jesus nos mostrando o caminho a seguir.

É a guerra santa encetada pela Doutrina de Kardec.

Avante companheiro. — "UM COMPANHEIRO"

(Mensagem recebida no encerramento dos trabalhos de evangelização, (C E Redenção, Araraquara).

REVELAÇÕES

Emmanuel

O mundo renovado do Terceiro Milênio será habitado não somente pelas criaturas achadas dignas de nele permanecerem, mas também por entidades bastante evoluídas de outros planos, que para ele serão conduzidas após as convulsões físicas, sociais e morais do período de transição que atravessais.

Crede que em todo o processo será obedecido o critério de rigorosa justiça, evangelicamente aplicada, tanto no afastamento dos espíritos não qualificados a permanecerem na Terra, como na imigração de almas alienígenas, que se dará para que influam em seu progresso, decisivamente, dado seu grande adiantamento espiritual.

Nosso principal trabalho será evitar, quanto possível, uma emigração quase que em massa de espíritos retrógrados de vosso meio para planos inferiores. Neste propósito, contamos com a infinita misericórdia do Pai, que não deseja que nenhum de seus filhos se perca.

O Mestre apresta-se agora a recolher as últimas ovelhas dispersas de seu rebanho, uma vez que quantas forem achadas fora de seu aprisco "serão lançadas nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes".

Na realidade, o chamamento do Senhor, nestes últimos tempos, será de tal ordem que muitos mais do que supondes se salvarão.

Vereis agora propagarem-se, segundo a profecia de Joel, citada nos Atos dos Apóstolos, sonhos nítidos e reais, de molde a conduzirem quem os tenha a conclusões definitivas e insofismáveis quanto à realidade do espírito e sua capacidade de exteriorizar-se do organismo físico.

Possuindo os encarnados o conhecimento dessa possibilidade de exteriorização noturna, seguramente al-

cançarão o entendimento da realidade da sobrevivência do espírito, após a morte do corpo material.

Muito trabalharemos nesse setor, mais do que nunca procurando esclarecer e evangelizar os encarnados em seu desdobramento noturno e, quanto possível, levá-los a conservarem a lembrança de seus passos no astral durante o sono.

Este trabalho, e o de divulgação doutrinária entre vós, juntos produzirão excelentes resultados quanto ao objetivo de esclarecimento do maior número possível.

Podeis também estar seguros de que se darão manifestações bastante conclusivas de efeitos físicos, e fenômenos outros, mediúnicos, de forma tal que unicamente os rebeldes e deliberadamente incrédulos poderão cerrar os olhos à evidência da realidade espiritual. E de forma alguma sereis responsabilizados pela perda destes últimos: trabalhai pelos que de boa vontade aceitem esclarecimento e demonstração conclusiva.

Médiuns adequados a serviço de tal envergadura estão sendo preparados, e oportunamente manifestar-se-ão em número suficiente para tão grandes exigências de serviço e devotamento à causa da divulgação da Doutrina Espírita, a poderosa força que tanto tem feito e tanto fará pela humanidade.

Confiai irrestritamente no Senhor, que em tudo vos há de fortalecer e amparar, guiando-vos com segurança em vosso grande esforço atual. Ele vos concederá todos os recursos de que necessitais para auxiliardes o Cristo a recolher as ovelhas desgarradas ao seu aprisco, ainda tão vazio, dois mil anos após sua passagem pela terra.

(Do livreto "Os Dias Finais", de Edgard Armond).

DIREITOS DO OPOSITOR

Mario Mas — CEAE, Genebra

Tudo indica que é necessário que haja oposição para haver confrontação de idéias, pois, desse modo, o ponto de vista é repensado e criticado se for o caso, evitando o dogmatismo que encerra um pensamento como se fosse verdade absoluta e imutável. A contra-argumentação sempre propicia crescimento, mesmo quando ela não acrescenta argumento edificante, uma vez que a simples oposição me faz rever e repensar pensamentos. É por isso que o interlocutor deveria ser considerado como um instrutor indireto, e, logo, um benfeitor.

Não é à toa que o Espiritismo ensina que os nossos adversários, muitas vezes, são nossos instrutores se soubermos escutá-los, porque eles nos apontam o que nem sempre enxergamos, por conveniência ou cegueira espiritual.

Ao contrário de tudo isso, costumo ver o interlocutor como um opositor de forma pejorativa, ou seja, como um inimigo, um adversário, e, portanto, o seu argumento me é ameaçador.

Tudo isto é decorrente, segundo penso, do meu egocentrismo, que me faz ver o mundo a partir de mim mesmo. Faço do meu conhecimento, e, neste caso, do meu argumento como uma verdade incontestável. Nesta posição começo a pensar o seguinte: tenho certeza absoluta do que falo; eu não me engano; eu sei o que faço, você (o opositor) que não sabe o que fala, você está louco. Diante desta onipotência, tudo que vem de fora é passível de dúvida ou ameaçador. Eu não considero o outro como uma individualidade própria, única, com suas conquistas, seus direitos, seus amores, seus temores etc., etc.

Quando descobrir que o outro é um espírito como eu, que está a caminho da evolução e vai superar todos os queixumes, então saberei discutir com serenidade na aceção da palavra. Porque não basta eu ficar quieto enquanto o outro fala (embora esse seja o primeiro passo para mudanças), apenas porque ouvi falar que se deve respeitar o interlocutor; ora se escuto o outro falar, mas fico retrucando internamente nos meus pensamentos, estou deixando de respeitar do mesmo modo. Saber escutar é uma arte.

Um passo importante para respeitar o outro, é eu conhecer a mim mesmo o máximo possível, todos os meus pensamentos, desejos, sentimentos, fraquezas, forças, enfim eu não posso esconder nada de mim, tenho que ser consciente de tudo que se passa comigo, para ter uma visão mais ampla de como eu sou no mundo. É por isso que eu considero a Caderneta Pessoal como um excelente auxiliar para começar a tomar contato comigo mesmo.

CRER

Mayr da Cunha

Muito já se tem falado e escrito a respeito da crença e apesar de toda a defesa feita, as dúvidas continuam até os dias presentes. Sem qualquer contestação, foi Tomé, um dos discípulos de Jesus, que em face de sua incredulidade, não acreditando nos relatos que faziam seus companheiros a respeito dos feitos maravilhosos de Jesus, instituiu o "ver para crer".

A dúvida persistiu, apesar das provas recebidas, segundo relatos históricos, até quase uma década após a morte do Mestre, quando então Tomé, após o que lhe foi mostrado num santuário e que se resumiu em visões de suas vidas passadas e na presente, reconheceu os poderes do espírito e quanto tempo perdeu por não acreditar em Jesus e nos seus discípulos. Sua vida a partir daquele momento sofre radical transformação e então se entrega de corpo e alma à tarefa missionária que lhe era destinada.

Apesar do tempo decorrido e de todo o progresso que conquistou a humanidade nestes dois milênios, a maioria de nós continua irredutível às provas que são colocadas à nossa frente, com o objetivo de reavaliar nosso posicionamento ou de que não é preciso ver para crer.

Diante disso, podemos dividir a humanidade em grupos: dos que vêm, mas não acreditam; daqueles que precisam ver para crer e da minoria, que não precisa ver para acreditar.

No entanto, quais as razões que provocam a descrença no ser humano? Serão espirituais ou materiais? Certamente, seria necessário muito tempo para discussão do tema e com a participação de todos para se chegar a alguma conclusão.

Vamos abordar por um único prisma e que nos parece ser o meio mais fácil para explicar, ou seja, a falta de fé.

Certamente, uma das alavancas que nos impulsiona para a frente e que nos mantém confiantes é a fé, esse combustível que não vemos mas que podemos sentir todos os dias, não importando aonde estejamos. Se fomos despojados de fé, seremos como árvore que não oferece sombra ou fonte de água que não pode ser usada. Não se exige que tenhamos fé em demasia ou que seja do tamanho de uma montanha. Aliás, quando Jesus alertou seus discípulos para que tivessem fé, enfatizou que poderia ser do tamanho de um grão de mostarda e então já estariam capacitados para realizar todos os milagres que Ele fazia e muito mais! Vemos, portanto, quanto ainda precisamos aprender para que sejamos considerados espíritos portadores de todos os atributos.

Temos fracos lampejos ou momentos de fé e mesmo assim eles produzem verdadeiros milagres em nossas vidas. Imaginem se fôssemos portadores de fé do tamanho da semente do abacate! Quanto iríamos crescer e realizar. Se tivermos fé, com certeza teremos esperança e com esperança saberemos superar as adversidades com resignação, sem rebeldia.

Com muita sabedoria afirma Léon Denis no seu livro "Depois da Morte", pág. 258: "Feliz quem crê, sabe, vê e caminha firme. A fé então é profunda, inabalável, e habilita-o a superar os maiores obstáculos". Portanto, mesmo que não nos mostrem nossas vidas anteriores ou fatos passados da atual, vamos nos transformar como aconteceu a Tomé?

COMO SERVIR

Nos dias iniciais da Aliança, quando o comandante Edgard Armond participava ativamente dos trabalhos, uma entidade espiritual de alta hierarquia, que se autodenominava Simão, esteve presente em várias reuniões transmitindo mensagens de alta sabedoria.

No fascículo n.º 1 da Série Iniciação Espírita está impressa uma dessas mensagens — Como Servir — que transcrevemos a seguir:

Lastimará por vezes o companheiro as obrigações que assumiu no campo espiritual. Sentirá que o trabalho com Jesus após o longo dia de serviço a César, o jantar adiado, a festa de que não participa, o lazer reduzido, a distração de que se priva, são sacrifícios bem pesados.

Já ponderou, entretanto, que o verdadeiro serviço com o Mestre deve ser sublinhado por alegre espontaneidade? Que a tristeza envenenará os fluidos que transmita no passe, tirará a convicção da palavra que pregue, desapontará o necessitado que o busque? Que pesar e medir sacrifícios, contar minutos e horas de atividade na Seara é anular todo o mérito?

Não diríamos a quem serve com tristeza que deixe de servir, mas sim que busque a alegria do serviço.

Se alguém permitiu que a rotina lhe invadissem a tarefa, busque renovar-se através da prece, da meditação, da leitura, da palestra.

Não permaneça na atitude interesseira de quem só quer acumular horas de serviço para melhorar a própria ficha espiritual, pois trabalho sem amor consta como hora negativa que terá que ser reposta. Não julgue diminuir seus débitos pelo comparecimento a certas reuniões, pois só o Senhor sabe de nossos méritos e deméritos, só Ele vê claramente nossa posição ante a Lei.

Perguntarão, não há bonus hora, não há diminuição de débitos através da colaboração espiritual? Sim, respondemos, porém sob a égide do amor.

Misericórdia quero, e não sacrifício, disse Jesus. Aquele que se sente sacrificado por servir só experimenta misericórdia por si mesmo; é, pois, egoísta.

Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber, consta nos Atos. Se damos lastimando-nos somos desventurados.

O amor cobre a multidão dos pecados, escreveu Pedro. E Paulo declara: a caridade (ou o amor) é sofredora, é benigna, não busca os seus interesses. Eis o verdadeiro amor, a legítima caridade, que resgata débitos, suaviza carmas e eleva o espírito.

Se busca alguém esse resgate, essa suavização e erguimento, ame. E como fará para amar? Ensiando seu coração para que vibre por todos como vibra para seus entes mais caros. É difícil? Sim, mas se fosse impossível Jesus não nos diria: amai-vos uns aos outros como eu vos amei!

REGIONAL DO ABC

O companheiro Milton Antunes Martins envia-nos notícias da Regional do ABC:

Estamos mantendo a regularidade de uma reunião mensal, no último domingo de cada mês (às 15 horas), onde são discutidos assuntos referentes ao dia-a-dia destas doze Casas que compõem nossa Regional. Já realizamos uma "jornada" de dirigentes de E.A.E., com duração de uma semana, que contou com a representação de todos os grupos. Realizaremos mais duas "jornadas" até outubro, onde focalizaremos os passes padronizados e expositores de E.A.E.

O mais novo Grupo da Regional (Casa de Ismael) terá em breve de deixar o imóvel onde realiza suas atividades e, através de promoções, as demais Casas da Regional propuseram-se a auxiliar para a compra de um imóvel.

Baseados nesta experiência, estamos idealizando duas "grandes" promoções anuais contando com a participação de todos os Grupos e este fundo será revertido para o Grupo que estiver necessitado.

O TRABALHO EM CARAGUÁ

Informa-nos a companheira Debbie Parodi as atividades do CE Aprendiz do Evangelho de Caragatuba:

Estamos com duas turmas de Escola de Aprendizes do Evangelho e gostaríamos de receber expositores de outros grupos, para incentivo das novas turmas.

No segundo ano de Mocidade Espírita, contamos com a participação de 7 jovens, que começaram a colaborar com a Evangelização Infantil. No futuro, esse trabalho será integralmente realizado pelos jovens, ficando para os adultos os passes nas crianças.

Está em andamento nosso trabalho de Reciclagem, com a participação da maioria dos trabalhadores.

Os que concluíram a Escola de Aprendizes do Evangelho estão se reunindo para estudos das obras de Allan Kardec.

Em junho começou a funcionar a Creche Meimei, implantada em sede própria, adquirida pela nossa Casa, com capacidade para receber até 20 crianças. A Creche funciona com a participação dos trabalhadores do Centro como voluntários.



Página dos Aprendizes

FALAR POUCO

Isa Mara Rodrigues Emílio, CEAE — Genebra

No chamado "mundo moderno" são raros os momentos em que paramos para ouvir alguém e, freqüentes, os que, eloqüentemente, demonstramos nossos irredutíveis pontos de vista. Saber ouvir, além de caridade representa uma arte, que faz do silêncio uma prece. Com esse artifício, aprendemos a procurar as palavras certas para as ocasiões e as pessoas certas.

Quem ouve mais, compreende melhor e, conseqüentemente, ama com maior segurança.

VIRTUDE

Doris, CEAE-Caraguatuba

Quando nos prontificamos a batalhar em busca de virtudes, encontramos muitos obstáculos, mas com perseverança conseguimos tirar as pedras do caminho. Quando voltamos nosso pensamento para o próximo, e em favor do próximo, achamos ajuda de nossos irmãos maiores, nos amparando e nos encorajando.

SOFRIMENTO

Antonio Augusto Marchetti, CEAE — Ribeirão Preto

As pessoas que adotam a Doutrina Espírita, que já leram as obras de KARDEC, principalmente o Evangelho Segundo o Espiritismo, sabem que não há efeito sem causa. Assim sendo, essas pessoas sabem porque estão encarnadas na Terra e sabem o porquê dos seus sofrimentos: são nada mais do que os efeitos das causas que elas mesmas deram origem.

Por isso, as pessoas que vivem se lamentando da sorte e dos desenganos que passam neste mundo ignoram que foram elas mesmas que provocaram isso e não se justifica que venham agora a se revoltar das conseqüências.

Essa ignorância do porque desses efeitos é que faz essas pessoas terem um julgamento precipitado e terem uma visão imperfeita do que está acontecendo.

DESPRENDIMENTO

Sueli Luccas Torres, Casa de Timóteo

Vivemos em um mundo de consumo; tudo o que vemos, achamos que nos faz falta ou será em nosso benefício, para facilitar nossa vida.

E neste corre-corre de compras, muitas vezes esquecemos de valores, principalmente se tudo está indo muito bem.

Mas se por qualquer motivo alguma coisa dá errado, logo nos lembramos de Deus e é aí que os valores que estavam esquecidos entram em evidência.

SERENIDADE

Wilson Zerbinatti, CE Redentor

Nas lutas habituais do nosso dia-a-dia, estamos sempre em contato com outras pessoas, é importante saber ouvir a todos, com humildade, respeitando sempre o ponto de vista de cada um. O saber ouvir faz parte da reforma íntima. Discutindo com serenidade, podemos até aprender alguma coisa nova com opositor. Ou quem sabe podemos ajudá-lo.

Onde quer que esteja, discuta com serenidade, afinal, somos todos filhos de Deus, e temos os mesmos direitos.

DESENGANOS

Jacy de Andrade, CEAE-Ribeirão Preto

O mundo desengana, sim, muitas vezes e até justifica o pessimismo de muitos. As desgraças, desilusões, guerras, morte de entes queridos, tudo isso nos faz pensar que esta vida é pessimismo.

Se pensarmos apenas nessa existência vemos que nossa vida não tem sentido, mas quando sabemos que a reencarnação é natural para todos, passamos a pensar de maneira diferente e a entender melhor os sofrimentos terrestres.

A LEI

Sueli Aparecida Ferreira, Casa Espírita E. Armond

A nossa vida neste mundo é passageira, temos que aproveitar da melhor maneira possível o tempo que dispomos para a nossa evolução.

Todos nós temos dívidas a pagar, temos também os meios e as oportunidades de resgatá-las, como somos ainda seres imperfeitos, conseguimos retardar a nossa evolução adiando os compromissos assumidos, pelo nosso livre arbítrio, mas não estamos isentos de pagar o que devemos, hoje é uma pequena dívida e amanhã será uma grande dívida que vai exigir muito mais sacrifícios e dificuldades de nós.

Portanto devemos nos conscientizar das nossas imperfeições, aceitar as nossas provas como engrandecimento do nosso espírito e agradecer a Deus pelas oportunidades que nos oferece.

DEUS EXTERIOR

Solange, Casa de Timóteo

Sabemos através de tudo que estamos aprendendo, que para chegarmos onde estamos, com certeza já cultuamos "deuses" exteriores. Graças a esta pequena evolução quanto ao nosso Deus Infinito, este erro por algumas pessoas já não é mais cometido, mas de certa forma, ainda continuamos num certo retardamento, pois continuamos dando valor a bens materiais que muitas vezes nos fazem sem que percebamos, entrar em atrito com pessoas que amamos, por motivos banais.

Exemplo: se temos carro, geralmente não gostamos que ninguém coma dentro dele, pois vai sujá-lo; se estamos com a casa limpíssima e recebemos visita inesperada, e se ela não limpa seus pés ao entrar, criticamos intimamente etc.

Como podemos analisar, continuamos ainda num certo retardamento, num certo egoísmo, que já temos condições de pelo menos começar a combater, pois estamos com a faca e o queijo na mão, basta apenas saber cortar e distribuir.

A CRIANÇA E O JOVEM

Bezerra de Menezes

Filhos, por mais de uma vez temos nos referido aos serviços da Unificação em nosso movimento espírita, lembrando as exigências da urgência sem as atribulações do apressamento indesejável.

A Unificação na gleba resultará inevitavelmente da seleção das sementes.

O coração da criança é campo favorável à sementeira do bem.

O coração do jovem é gleba exuberante de esperanças reclamando direção.

Principiemos pelas bases a tarefa da Unificação tão desejável em nossa Causa.

A criança de agora será o jovem de amanhã.

Nosso moço do momento erigir-se-á no condutor futuro de nosso movimento, responsabilizado no dever e nos serviços do Evangelho.

Mas, todos nós, os que já adentramos os jardins da fé, nos celeiros da experiência e nos almoxarifados da maturidade, abraçamos no momento o dever e a obrigação do exemplo salutar que dará ênfase ao que ensinamos.

Reconhecemos que, de fato, não ha-

verá construção definitiva e sólida sem os imperativos da harmonia que favoreça a união, e da fraternidade que patrocine o equilíbrio.

A obra do tempo harmonizará forças na construção do bom e do melhor, selecionando os valores indispensáveis à implantação da luz.

Urgência sem afoitamentos!

Os tijolos não atenderão aos impositivos da obra sem que obedeçam ao oleiro no tempo justo exigido pela fôrnalha.

A sementeira não surgirá promissora sem que as horas favoreçam esforço da semente diminuta na cova estreita.

Mas o oleiro não estará dispensado de selecionar o barro, quanto o sementeiro não estará exonerado de escolher as sementes compatíveis com a gleba que elegeu para a devoção de seus intentos.

Quem evangeliza agora está norteando os rumos do mundo para o futuro de paz e compreensão.

Quem orienta no presente está consolidando as diretrizes da paz e da luz, se traz por dentro de si próprio o conforto do equilíbrio e as clarezas do estudo.

Filhos, a Seara Espírita enseja-nos alegrias e emoções no reencontro de almas, mas nos define responsabilidades e deveres prodigalizando-nos a oportunidade de alicerçar a concórdia onde disseminamos ontem dissídio e revolta.

Iluminemo-nos para distribuir luz.

Instruamos a fim de ensinar com êxito.

Amemos para abraçar devotamento e dedicação.

Eduquemo-nos para educar com firmeza.

Orientar, educar, iluminar, instruir são imperativos dos serviços da paz em favor do mundo. E não atingiremos as raias da pacificação, a esplendor da união perfeita entre todos os espíritas, se não principiarmos hoje, no próprio coração, a sementeira da paz e do entendimento, do perdão e do zelo que nos identifiquem como discípulos do Senhor, registrando-lhe a determinação: "Ide e pregai".

(Mensagem psicografada na reunião de encerramento das aulas do IV CI-POM — Campos, Estado do Rio de Janeiro, pelo médium Júlio Cezar Grandi Ribeiro, na noite de 31.01.76, na Liga Espírita de Campos).

O PATINHO TRISTE

Lúcia Tancredo Bochicchio
GS Emmanuel, Peruíbe

A beira do riacho grande, morava dona pata com seus filhos que eram muito espertos e alegres, mas o cacula era muito triste, porque se achava diferente de seus irmãos; os outros tinham penas sedosas e, ele tinha no lugar das penas, penugem, por isso vivia muito triste e arredio.

Os outros chamavam-no para nadar e ele sempre se esquivava, porque molhado se tornava muito feioso.

Seus irmãos eram muito orgulhosos e gostavam de menosprezá-lo, chamando-o:

— Penugem, por que será que você não tem penas iguais às nossas, isto é muito feio.

E, assim, passou a chamar-se Penugem.

Certo dia, resolveu ir embora e disse à sua mãe:

— Mamãe, uma vez que sou diferente e envergonho a minha família, vou embora.

Sua mãe, muito triste, implorou-lhe:

— Penugem, não vá embora, não é pela aparência que se julgam os outros e, sim, pelos atos, e você é bom, não vá embora, eu vou sentir muito a sua falta.

Mas Penugem não quis ouvi-la, pegou sua mochila e saiu, beirando a margem do rio, procurando um lugar, onde pudesse ser feliz e encontrar outros patos iguais a si.

Não demorou muito ouviu uma algazarra de patinhos nadando muito felizes, mas não viram que estavam sendo seguidos por um jacaré. Penugem começou a gritar:

— Saiam da água, vem atrás de vocês um jacaré!

Os patinhos olharam para trás e viram o jacaré, saíram depressa e deu tempo de se salvarem.

Abraçaram Penugem, agradeceram a boa ação e pediram-lhe para contar a sua história. Penugem disse seu nome e contou que vivia muito triste e saiu para procurar um lugar, onde pudesse ser feliz; os patinhos disseram-lhe:

— Penugem, a nossa felicidade está dentro de nós mesmos, basta você procurar ser feliz e se contentar como é, porque o importante não é a aparência, sim, o coração e a bondade e você mostrou ter.

Penugem pensou bem e disse-lhes:

— Vocês têm razão, vou voltar para minha casa e procurar ser feliz.

E, assim, aconteceu, voltou para casa; sua mãezinha ficou muito contente e feliz e Penugem prometeu que nunca iria mais sair de sua casa para procurar ser feliz.

EVANGELIZAÇÃO E MOCIDADE ESPÍRITA

A mensagem do dr. Bezerra, que publicamos nesta página, enfatiza a importância de dois trabalhos do Centro Espírita: evangelização infantil e mocidade. A partir da criança, o Centro começa a cultivar a semente da fraternização, que deve ter continuidade no amparo e no apoio que nos merece o movimento dos jovens.

A Escola de Aprendiz do Evangelho, para os adultos, deve formar a base do **hoje**; a Mocidade, com a exemplificação do adulto motivado pela Escola de Aprendiz, é o **amanhã**.

O Espiritismo, portanto, deve dedicar-se ao grande trabalho de educação dos sentimentos, pelas vias da

evangelização da criatura humana. Criança, jovem e adulto — são as três fases que devem integrar-se num trabalho unificado.

A Aliança Espírita Evangélica, em seu programa de priorizar o aspecto religioso da Doutrina Espírita, vem, através de seus grupos integrados, ampliando o número de Escola de Aprendiz, de aulas de evangelização infantil e de cursos de Mocidade. Ainda no mês de agosto, no CEAE-Genebra, realizou-se um curso para formação de evangelizadores para infância com a presença de 60 pessoas de trinta grupos integrados da Grande São Paulo.

O TREVO

N.º 175 — SETEMBRO/1988

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168
São Paulo

Fone: (011) 37-5304

Diretor-geral da Aliança
Espírita Evangélica:
JACQUES A. CONCHON

Jornalista Responsável:
VALENTIM LORENZETTI